

EV 2020 projetos para resistir ao fim do mundo

↓ fim do mundo para quem?

mulheres egressas

As mulheres egressas já viveram ou estão vivendo o fim do mundo. Sua condição de vulnerabilidade social é reflexo da negligência do Estado e das desigualdades de raça, classe e gênero. Essa conjuntura provoca um grande abismo social entre as egressas e direitos básicos como saúde, educação e moradia. Assim, dentro do pretexto de adiar o fim do mundo, o tema escolhido é uma resposta para pensar como diminuir essas distâncias e confrontar a estrutura de poder consolidada.

A partir de maio a proposta do grupo é retomar o processo de reflexão espacial, isto é, iniciar, com base no material coletado - entrevistas, orientações e discussões em grupo - possíveis desenhos para o meta-protótipo. A ideia é que o projeto reflita o processo mas que também tenha autonomia e resposta, de maneira simbólica, uma resposta à como adiar o fim do mundo dentro das especificidades que a tema acerca das mulheres egressas implica.

bloco 03



Maria Cau - designer gráfica e arquiteta / goma oficina plataforma colaborativa
Fernanda Tosta - educadora e designer de produção
Vânia Medeiros - artista visual, designer e pesquisadora

Como transformar conversas e pesquisas processuais em dispositivos práticos a partir de uma construção coletiva com as mulheres envolvidas. Procuramos entender as questões técnicas e metodológicas para o desenvolvimento de um projeto facilmente reproduzível.

As convidadas surgem em uma etapa mais avançada do trabalho. O projeto artístico multidisciplinar "Mulheres Possíveis - corpo, gênero e encarceramento" realizado por Vânia Medeiros em colaboração com mulheres em situação de cárcere entra como contribuição tanto em uma questão teórica quanto na prática. Maria Cau traz sua experiência enquanto arquiteta e designer com o projeto participativo "fronteira livre", utilizando o espaço público como instrumento de comunicação. Fernanda Tosta entra em um estágio de materialização do projeto. Suas experiências com projetos sociais envolvendo marcenaria nos instiga a entender metodologias de projeto e como concretizar demandas socioespaciais.

MARCELLA ARRUDA



OUTROS CORPOS/ OUTRAS CIDADES



próximas etapas

bloco 02



Angela Rios - Ativista egressa do Coletivo Em Silêncio / frente do projeto de lei
Preta Ferreira - Ativista egressa / frente da casa de acolhimento

Aproximação do tema por meio de conversas com mulheres egressas do sistema carcerário. neste bloco visamos entender demandas práticas para a prototipagem de um dispositivo não apenas funcional, mas coerente com o contexto socioespacial.

Ambas as convidadas são egressas e ativistas. O fato de estudarmos em São Paulo, nos trouxe certa proximidade com Preta Ferreira, que se destacou em diversas situações frente a movimentos sociais. E, uma vez que o projeto se trata, inicialmente, de dispositivos para o Rio de Janeiro, procuramos entrar em contato com alguém que pudesse trazer experiências próprias desse contexto urbano. Desta forma, chamamos a Angela Rios do Coletivo Em Silêncio, para acrescentar no processo do trabalho.

INFORMAÇÕES PRELIMINARES

União Internacional dos Arquitetos (UIA)

Órgão consultivo da unesco para assuntos relativos ao habitat e à qualidade do espaço construído. A cada 3 anos, convoca congressos mundiais de arquitetura, em 2020 seria no Rio de Janeiro "todos os mundos. um só mundo. arquitetura 21"

Instituto A Cidade Precisa de Você

"(...) coletivo de pessoas que pensam e transformam lugares (...) uma rede interdisciplinar comprometida em construir cidades mais justas, inovadoras, democráticas, seguras, saudáveis e vibrantes (...) através da ativação e melhoria de espaços públicos (...)"

Coletivo em Silêncio

coletivo formado por, majoritariamente, mulheres egressas. Buscam promover proteção e garantia de direitos às pessoas atingidas pelo sistema penal e moradores de territórios estigmatizados.

"Plano de reabilitação e ocupação dos imóveis do estado do rio de janeiro na área central da cidade do Rio de Janeiro"

Levantamento realizado por Mauro Santos, professor da FAU-UFRJ e coordenador do Laboratório de Habitação (LabHab) de prédios ociosos do centro do Rio de Janeiro com o objetivo de "analisar as potencialidades urbanísticas e arquitetônicas desses imóveis e elaborar propostas para a realização de empreendimentos habitacionais"

Parceira Público-Popular (PPOP)

Tipo de locação social, na qual o edifício permanece propriedade do poder público, que tem um gasto mínimo, uma vez que o prédio é cedido, por um período, para uma associação, que administra a contribuição dos moradores no pagamento das contas, fazendo com que o prédio seja auto-gestionado.

meta protótipo

hipótese inicial:

Pensando no contexto de corpos violados e territórios violentos, nossa primeira ideia foi aproveitar um dos prédios levantados pelo Mauro para criar protótipos de dispositivos de acolhimento para as mulheres egressas a partir de uma lógica de processo participativo.

"Ao nos debruçarmos no estudo do edifício escolhido, percebemos que ele já estava ocupado por outras pessoas, também vulneráveis. Além disso, a pandemia, impossibilitou a realização do protótipo em escala 1:1, como era desejado. Assim, a partir dessa nova situação, a ideia é criar uma forma de representar o conceito e a montagem de um dispositivo de acolhimento, que será adaptável para diversas situações e edificações, e poderá ser realizado por qualquer pessoa."



Andréa Zittel Franchoni Architects
Todo Por La Praxis
O Grupo Inteiro
Construct Lab
Rotor DC
Mouraria 53
Al Borde

ITTC - PROJETOS EGRESSAS CONVERSA COM MARCELLA

Ainda que o projeto "Mulheres Egressas" do ITTC (Instituto Terra, Trabalho e Cidadania) foque em mulheres migrantes atingidas pelo sistema carcerário, procuramos entender, a partir da ótica a exclusão e expulsão c ompulsória, quais os aspectos intrínsecos que o cárcere e a seletividade penal imprimem nas mulheres que são presas. Quais são as fragilidades de um corpo completamente marginalizado pelo estado?



Formada em Direito pela PUCSP, hoje a Marcela trabalha com advocacy no ITTC, abordando a pauta do encarceramento a partir do debate de gênero e da vertente abolicionista. Parte de sua ocupação é o fomento de diálogo a cerca das pautas abordadas pelo Instituto, além do rastreamento de leis para tentar entender as atuais políticas públicas e incidir nessas, além da produção de pesquisa e geração de dados.

fazer novas conversas com eixos temáticos mais específicos

estabelecer redes de contato com e entre os agentes já envolvidos

"Quando se pensa em habitação, é preciso entender quais as fragilidades e demandas das pessoas que vão viver ali."

Pra quem é voltado o metaprotótipo?

Mulheres de 18 a 35 anos, negras, pobres, moradoras das periferias. Muitas são mães, mas muitas perdem o contato com as famílias durante o período de encarceramento.

Quais os principais motivos para o encarceramento dessas mulheres?

"Mais de 70% das mulheres presas são mulheres que não cometeram nenhum crime com violência, porque são crimes ligados ao patrimônio, como drogas e furto. isso vai delineando a seletividade penal"

Existem sistemas de equipamento público para o abrigamento de egressas?

Não existe nenhum para elas, em específico. As egressas disputam leitos nos LPIS (abrigo integral) ou centros vinculados aos CRAS ou CREAS (abrigo temporário)

Seletividade Penal:

"É um termo usado para descrever a forma como o sistema punitivo no Brasil, pega e reformula por (meio de aparatos estatais) uma nova segregação de corpos. Se pensarmos em quem é preso no Brasil, o sistema punitivo na verdade é um sistema selecionador para a aplicação de punição, então existe um recorte muito grande da função da pena e do cárcere no Brasil."



pandemia

implicações práticas para o andamento do trabalho

cancelamento do seminário internacional - como prosseguir com o trabalho em situação de quarentena? - conversas remotas

UIA adiado um ano - desapegar das questões burocráticas do outros corpos outras cidades

reestruturação da prototipagem: como pensar o protótipo sem o projeto participativo? O desenho deve ser a principal ferramenta?

ênfata a vulnerabilidade das mulheres egressas

Devido à chegada da pandemia no Brasil e à adoção das medidas de isolamento social, foi necessária uma reestruturação do andamento do trabalho. A tensão política e social provocaram novos questionamentos a respeito do tema abordado que, até então, não tinham sido levantadas durante o processo. São elas: os reflexos físicos, morais e psicológicos da epidemia tanto em pessoas encarceradas quanto egressas; de que forma a pandemia afeta na vida de uma pessoa que, ao sair do cárcere, não possui estrutura para manter suas condições de moradia e higiene indicadas pela OMS; e se há, por parte do Estado, alguma política que visa assegurar a saúde da população carcerária nesse momento. Importante ressaltar que enquanto grupo ainda não obtivemos respostas em relação à esses questionamentos e não sabemos se o desenvolvimento do dispositivo de acolhimento será feito considerando a situação atual do corona vírus. Contudo entendemos a seriedade da questão e de refletir sobre sua repercussão no andamento do trabalho.

Advogada colaboradora do Coletivo em Silêncio e doutoranda no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ. Atua em áreas relacionadas ao direito público, sociologia urbana e planejamento urbano. Desde 2018, estuda a gestão coletiva da propriedade, cooperativismo e Community Land Trust (Termos territoriais coletivos).



Renata Antão

Advogada popular, colaboradora do Movimento Sem-Teto do Centro, associada fundadora do Instituto Brasileiro de Direito Urbanístico IBDU e participante do Laboratório de Justiça Territorial- LabJuTa da Universidade Federal do ABC. Atua em regularização e conflitos fundiários, planejamento urbano e direito urbanístico. Relatora da Parceira Público Popular: uma proposta social contra a especulação imobiliária



Luciana Bedeschi

Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, coordenador do grupo de pesquisa sobre projetos de ambientes de saúde e do Laboratório de Habitação, LabHab da UFRJ. Atua nas áreas de projetos de habitação de interesse social e espaços de saúde. Em 2008, participou do desenvolvimento do Plano de Reabilitação e Ocupação dos Imóveis do Estado do Rio de Janeiro, no qual foram mapeados e selecionados, imóveis vazios e com potencial de ocupação habitacional da área central da cidade do Rio de Janeiro.



Mauro Santos

EV 2020 projetos para resistir ao fim do mundo

↓ fim do mundo para quem?

mulheres egressas

As mulheres egressas já viveram ou estão vivendo o fim do mundo. Sua condição de vulnerabilidade social é reflexo da negligência do Estado e das desigualdades de raça, classe e gênero. Essa conjuntura provoca um grande abismo social entre as egressas e direitos básicos como saúde, educação e moradia. Assim, dentro do pretexto de adiar o fim do mundo, o tema escolhido é uma resposta para pensar como diminuir essas distancias e confrontar a estrutura de poder consolidada.

MARCELLA ARRUDA



OUTROS
CORPOS/
OUTRAS
CIDADES

A CIDADE
PRECISA
DE VOCÊ



UIA
2020
RIO 27º Congresso Mundial
de Arquitetos

COLETIVO
EM SILÊNCIO

INFORMAÇÕES PRELIMINARES

União Internacional dos Arquitetos (UIA)

Órgão consultivo da unesco para assuntos relativos ao habitat e à qualidade do espaço construído. A cada 3 anos, convoca congressos mundiais de arquitetura, em 2020 seria no Rio de Janeiro “todos os mundos. um só mundo. arquitetura 21”

Instituto A Cidade Precisa de Você

“(…) coletivo de pessoas que pensam e transformam lugares (….) uma rede interdisciplinar comprometida em construir cidades mais justas, inovadoras, democráticas, seguras, saudáveis e vibrantes (….) através da ativação e melhoria de espaços públicos (….)”

Coletivo em Silêncio

coletivo formado por, majoritariamente, mulheres egressas. Buscam promover proteção e garantia de direitos às pessoas atingidas pelo sistema penal e moradorxs de territórios estigmatizados.

“Plano de reabilitação e ocupação dos imóveis do estado do rio de janeiro na área central da cidade do Rio de Janeiro”

Levantamento realizado por Mauro Santos, professor da FAU-UFRJ e coordenador do Laboratório de Habitação (LabHab) de prédios ociosos do centro do Rio de Janeiro com o objetivo de “analisar as potencialidades urbanísticas e arquitetônicas desses imóveis e elaborar propostas para a realização de empreendimentos habitacionais”

Parceria Público-Popular (PPOP)

Tipo de locação social, na qual o edifício permanece propriedade do poder público, que tem um gasto mínimo, uma vez que o prédio é cedido, por um período, para uma associação, que administra a contribuição dos moradores no pagamento das contas, fazendo com que o prédio seja auto-gestionado.

meta protó tipo



hipótese inicial:

Pensando no contexto de corpos violados e territórios violentos, nossa primeira ideia foi aproveitar um dos prédios levantados pelo Mauro para criar protótipos de dispositivos de acolhimento para as mulheres egressas a partir de uma lógica de processo participativo.

Andréa Zittel
Franchoni Architects
Todo Por La Praxis
O Grupo Inteiro
Construct Lab
Rotor DC
Mouraria 53
Al Borde

Ao nos debruçarmos no estudo do edifício escolhido, percebemos que ele já estava ocupado por outras pessoas, também vulneráveis. Além disso, a pandemia, impossibilitou a realização do protótipo em escala 1:1, como era desejado. Assim, a partir dessa nova situação, a ideia é criar uma forma de representar o conceito e a montagem de um dispositivo de acolhimento, que será adaptável para diversas situações e edificações, e poderá ser realizado por qualquer pessoa.

ITTC - PROJETOS EGRESSAS CONVERSA COM MARCELLA

Ainda que o projeto “Mulheres Egressas” do ITTC (Instituto Terra, Trabalho e Cidadania) foque em mulheres migrantes atingidas pelo sistema carcerário, procuramos entender, a partir da ótica a exclusão estatal e expulsão compulsória, quais os aspectos intrínsecos que o cárcere e a seletividade penal imprimem nas mulheres que são presas. Quais são as fragilidades de um corpo completamente marginalizado pelo estado?



Formada em Direito pela PUCSP, hoje a Marcela trabalha com advocacy no ITTC, abordando a pauta do encarceramento a partir do debate de gênero e da vertente abolicionista. Parte de sua ocupação é o fomento de diálogo a cerca das pautas abordadas pelo Instituto, além do rastreamento de leis para tentar entender as atuais políticas públicas e incidir nessas, além da produção de pesquisa e geração de dados.

fazer novas conversas com eixos temáticos mais específicos

estabelecer redes de contato com e entre os agentes já envolvidos

“Quando se pensa em habitação, é preciso entender quais as fragilidades e demandas das pessoas que vão viver ali.”

Pra quem é voltado o metaprotótipo?

Mulheres de 18 a 35 anos, negras, pobres, moradoras das periferias. Muitas são mães, mas muitas perdem o contato com as famílias durante o período de encarceramento.

Quais os principais motivos para o encarceramento dessas mulheres?

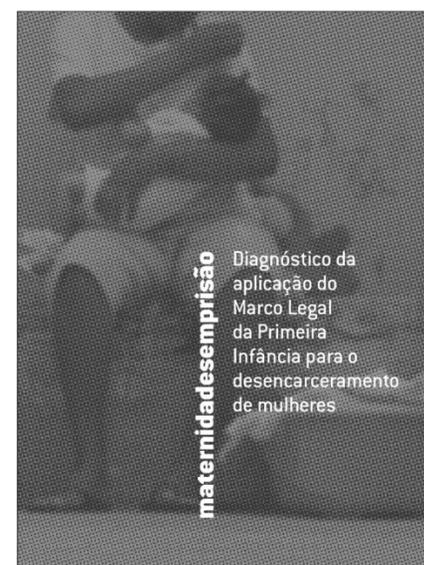
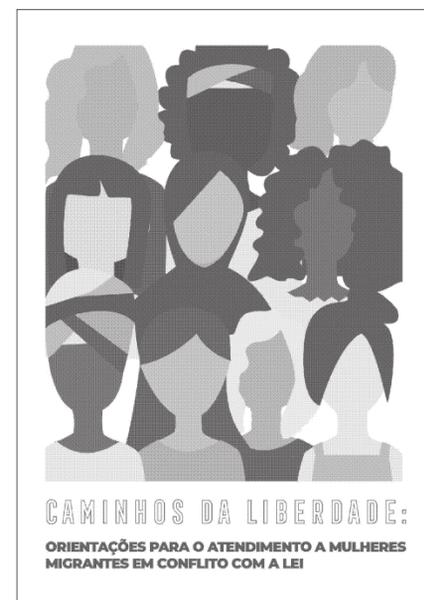
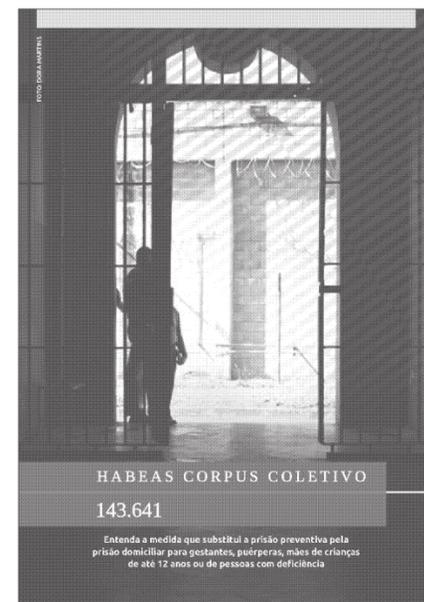
“Mais de 70% das mulheres presas são mulheres que não cometeram nenhum crime com violência, porque são crimes ligados ao patrimônio, como drogas e furto. Isso vai delineando a seletividade penal”

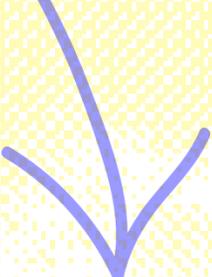
Existem sistemas de equipamento público para o abrigamento de egressas?

Não existe nenhum para elas, em específico. As egressas disputam leitos nos LPIS (abrigo integral) ou centros vinculados aos CRAS ou CREAS (abrigo temporário)

Seletividade Penal:

“É um termo usado para descrever a forma como o sistema punitivo no Brasil, pega e reformula por (meio de aparatos estatais) uma nova segregação de corpos. Se pensarmos em quem é preso no Brasil, o sistema punitivo na verdade é um sistema selecionador para a aplicação de punição, então existe um recorte muito grande da função da pena e do cárcere no Brasil.”





pandemia

implicações práticas para o andamento do trabalho

cancelamento do seminário internacional - como prosseguir com o trabalho em situação de quarentena? - conversas remotas

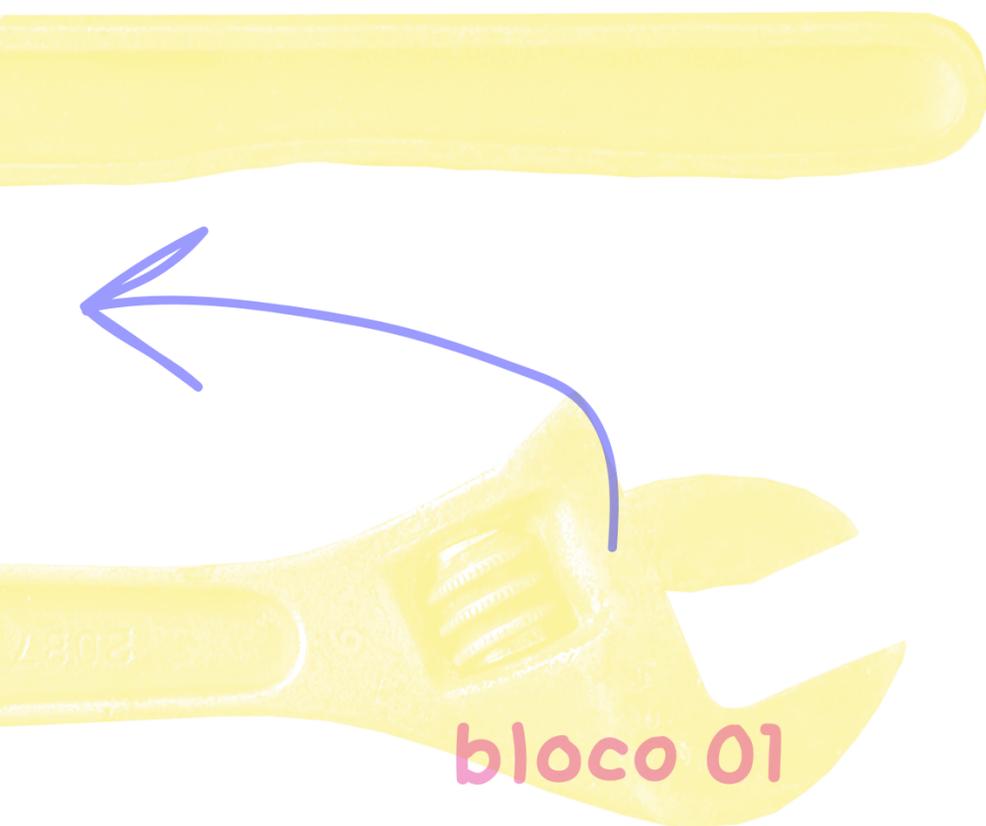
UIA adiado um ano - desapegar das questões burocráticas do outros corpos outras cidades

reestruturação da prototipagem: como pensar o protótipo sem o projeto participativo? O desenho deve ser a principal ferramenta?

ênfatisa a vulnerabilidade das mulheres egressas

Devido à chegada da pandemia no Brasil e à adoção das medidas de isolamento social, foi necessária uma reestruturação do andamento do trabalho. A tensão política e social provocaram novos questionamentos a respeito do tema abordado que, até então, não tinham sido levantadas durante o processo. São elas: os reflexos físicos, morais e psicológicos da epidemia tanto em pessoas encarceradas quanto egressas; de que forma a pandemia afeta na vida de uma pessoa que, ao sair do cárcere, não possui estrutura para manter suas condições de moradia e higiene indicadas pela OMS; e se há, por parte do Estado, alguma política que visa assegurar a saúde da população carcerária nesse momento. Importante ressaltar que enquanto grupo ainda não obtivemos respostas em relação à esses questionamentos e não sabemos se o desenvolvimento do dispositivo de acolhimento será feito considerando a situação atual do coronavírus. Contudo entendemos a seriedade da questão e de refletir sobre sua repercussão no andamento do trabalho.





instrumentos legais e jurídicos

A primeira conversa, teve como enfoque os instrumentos legais para a ocupação de imóveis que não cumprem sua função social, bem como algumas iniciativas vinculadas à habitação para populações vulneráveis no contexto das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. A partir da atuação de Mauro Santos, Renata Antão e Luciana Bedeschi, foram debatidos temas como a concessão de uso e ocupação de imóveis vazios, propriedade coletiva e gestão de espaços.

Apesar do encontro não ter focado na população egressa, as falas contribuíram para um entendimento de como as iniciativas e projetos têm trabalhado, e como, a partir de termos de gestão, é possível direcionar o uso de imóveis para determinados grupos vulneráveis. O debate tomou como ponto de partida o Plano de Reabilitação e Ocupação de Imóveis do Estado do Rio de Janeiro, mas também a partir de outras contribuições, abarcou a discussão da Parceria Público Popular vigente em São Paulo. Esses debates servem como substrato para uma possível atuação prática de nossa parte que, antes das consequências da pandemia, pretendia criar um dispositivo de cuidado para mulheres egressas instalado em um imóvel vazio do centro do Rio de Janeiro.

Como resultado do cenário atual, e da incapacidade de construção deste dispositivo, assim como, a descoberta de que o edifício anteriormente selecionado para a instalação do dispositivo, está sendo ocupado. Partimos para conversas, previamente pensadas, que enfoquem a vivência de mulheres egressas e de prototipagem, como base para a idealização deste dispositivo que permanecerá, neste momento, como projeto.

Advogada colaboradora do Coletivo em Silêncio e doutoranda no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ. Atua em áreas relacionadas ao direito público, sociologia urbana e planejamento urbano. Desde 2018, estuda a gestão coletiva da propriedade, cooperativismo e Community Land Trust (Termos territoriais coletivos).



Renata Antão

Advogada popular, colaboradora do Movimento Sem-Teto do Centro, associada fundadora do Instituto Brasileiro de Direito Urbanístico IBDU e participante do Laboratório de Justiça Territorial- LabJuTa da Universidade Federal do ABC. Atua em regularização e conflitos fundiários, planejamento urbano e direito urbanístico. Relatora da Parceria Público Popular: uma proposta social contra a especulação imobiliária



Luciana Bedeschi

Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, coordenador do grupo de pesquisa sobre projetos de ambientes de saúde e do Laboratório de Habitação_ LabHab da UFRJ. Atua nas áreas de projetos de habitação de interesse social e espaços de saúde. Em 2008, participou do desenvolvimento do Plano de Reabilitação e Ocupação dos Imóveis do Estado do Rio de Janeiro, no qual foram mapeados e selecionados, imóveis vazios e com potencial de ocupação habitacional da área central da cidade do Rio de Janeiro.



Mauro Santos



A partir de maio a proposta do grupo é retomar o processo de reflexão espacial, isto é, iniciar, com base no material coletado - entrevistas, orientações e discussões em grupo - possíveis desenhos para o meta-protótipo. A ideia é que o projeto reflita o processo mas que também tenha autonomia e resposta, de maneira simbólica, uma resposta à como adiar o fim do mundo dentro das especificidades que a tema acerca das mulheres egressas implica.

bloco 03



Maria Cau

designer gráfica e arquiteta / goma oficina plataforma colaborativa



Fernanda Tosta

educadora e designer de produção



Vânia Medeiros

artista visual, designer e pesquisadora

Como transformar conversas e pesquisas processuais em dispositivos práticos a partir de uma construção coletiva com as mulheres envolvidas. Procuramos entender as questões técnicas e metodológicas para o desenvolvimento de um projeto facilmente reproduzível.

As convidadas surgem em uma etapa mais avançada do trabalho. O projeto artístico multidisciplinar “Mulheres Possíveis - corpo, gênero e encarceramento” realizado por Vânia Medeiros em colaboração com mulheres em situação de cárcere entra como contribuição tanto em uma questão teórica quanto na prática. Maria Cau traz sua experiência enquanto arquiteta e designer com o projeto participativo “fronteira livre”, utilizando o espaço público como instrumento de comunicação. Fernanda Tosta entra em um estágio de materialização do projeto. Suas experiências com projetos sociais envolvendo marcenaria nos instiga a entender metodologias de projeto e como concretizar demandas socioespaciais.

próximas etapas

bloco 02



Angela Rios

Ativista egressa do Coletivo Em Silêncio / frente do projeto de lei



Preta Ferreira

Ativista egressa / frente da casa de acolhimento

Aproximação do tema por meio de conversas com mulheres egressas do sistema carcerário. neste bloco visamos entender demandas práticas para a prototipagem de um dispositivo não apenas funcional, mas coerente com o contexto socioespacial.

Ambas as convidadas são egressas e ativistas. O fato de estudarmos em São Paulo, nos trouxe certa proximidade com Preta Ferreira, que se destacou em diversas situações frente à movimentos sociais. E, uma vez que o projeto se trata, inicialmente, de dispositivos para o Rio de Janeiro, procuramos entrar em contato com alguém que pudesse trazer experiências próprias desse contexto urbano. Desta forma, chamamos a Angela Rios do Coletivo Em Silêncio, para acrescentar no processo do trabalho.